

▼ **HOMENAGEM INDÍGENA**

Jobim participa da festa do Quarup

Ministro da Justiça foi ver de perto a reverência que os índios do Alto Xingu fazem aos seus mortos, uma celebração com muita dança e luta

ÉDSON LUIZ
Enviado Especial

Alto Xingu (MT) - O ministro da Justiça, Nelson Jobim, trocou seu inseparável cachimbo pelo petum, um cigarro longo, feito de folha verde e fumo

que só os índios Kamayurá gostam. Jobim também trocou o final de semana em Brasília ou Porto Alegre para ser o primeiro ministro da Justiça a participar, como convidado especial, da festa do Quarup, quando os índios do Alto Xingu reverenciam seus mortos. Uma celebração que não é marcada pela lamentação, mas pela dança e luta entre os mais fortes entre 10 tribos da região.



O ministro estava muito à vontade. Ele conversou sobre tudo. Falou da revogação do Decreto 22, que não permitia que as pessoas que se sentissem prejudicadas por uma demarcação recorressem da decisão do governo. Jobim garantiu que o fim desta lei vai apressar as demandas judiciais. Mas ele parecia mais preocupado com as invasões na reserva indígena do Alto Xingu, uma área de 2,6 milhões de hectares, uma das reclamações feitas pelo cacique Takumã, seu anfitrião.

O Quarup é uma das maiores festas indígenas do Brasil e dura quase dois dias. Os índios dançam durante toda noite em homenagem a seus mortos, representados por troncos. Na manhã seguinte, lutam o huká-huka, que forma campeões que passam para a história. Arita-

na, um índio alto e forte e um dos maiores líderes do Alto Xingu, é um deles. Com 43 anos, venceu 27 anos seguidos e hoje prepara seu filho, Tapy, para substituí-lo.

VIATURA - A disposição dos índios pareceu contagiar o ministro da Justiça. Sempre atento a todos os movimentos, só se distraía quando tinha que acender mais um longo petum, o cigarro que o cacique teimava em presentear-lo. Takumã pediu pouco ao ministro. "Só quero uma viatura para levar nossos doentes para os postos médicos, além de remédios", disse o líder kamayurá, que transformou a maloca onde mora numa hospedaria para os quase 60 convidados para a festa.

Todos esperavam que Jobim anunciasse que substituiria Dinarte Madeiro na direção da Funai. Nada revelou, mas falou que o presidente Fernando Henrique Cardoso e sua mulher estão preocupados com a situação dos índios brasileiros.

Da tribo



TELEFOTOS CACALOS GARRASTAZU/AGENCIA RBS

Nelson Jobim ouviu pedidos e reclamações do cacique Takumã, seu anfitrião.

Mulher branca vive uma história de amor com índio

Rosana Vilela Vasconcelos, uma bela morena de 28 anos, sempre quis viver um grande amor. Quando pequena, sonhava em encontrar um príncipe encantado que com ela formasse uma família. Na aldeia kamayurá ela encontrou o homem de sua vida, mas sua história tem todos os ingredientes para não ter um final feliz. Rosana é branca e vive um romance com um índio casado, filho de um grande cacique da região.

Rosana deixou o emprego de enfermeira na Escola Paulista de Medicina. Vive há dois anos e meio no Xingu, onde faz tratamento médico com remédios convencionais e ervas. Ao contrário do que esperava, tem total aprovação do cacique dos Kamayurá, Takumã, também um dos pajés mais famosos da região. "Trabalhamos juntos", diz ela, não revelando quem é o índio que se tornou seu romance proibido. "Sonho em viver com ele para sempre", diz.

Por ele, Rosana sofre bastante. Inclui-se se submete a um costume da tribo: arrancar todo o corpo com um pente feito de dentes de piranha, até sangrar. Usa as mesmas pinturas que as índias, mas em vez de andar nua como as mulheres da tribo, prefere um biquíni, como toda mulher branca



Xinguanas são enclausuradas quando menstruam

vaidosa. Quando passa por entre as malocas não desperta mais curiosidade. Apenas duas meninas parecem invejar sua liberdade. Elas não vêem a luz há dois anos, desde que foram enclausuradas numa maloca, depois que tiveram a primeira menstruação.

Mais brancas que os demais membros da tribo, Cu-

rimatá e Cumaru, hoje com 14 anos, saíram da maloca na festa do Quarup. Todas as mulheres xinguanas seguem este mesmo ritual, quando têm a primeira menstruação. Os rapazes que chegam à adolescência ficam menos tempo enclausurados, mas a reclusão também é obrigatória. (Agência RBS)